

CURRÍCULO E CULTURA: OS ESTUDOS ANTROPOLÓGICOS QUE ADENTRAM OS MUROS DA ESCOLA.

Thiago Sousa da Silva¹

Amanda da Silva Barata²

Bianca Marinho de Souza³

Joaquina Ianca Miranda⁴

RESUMO

Neste trabalho buscamos compreender a relação entre cultura e currículo, educação e antropologia. Utilizando uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, que foi subsidiada nos pensamentos de Moreira e Candau (2007), Silva (2011), Saviani (2006), Arroyo (2013), Oliveira (2017), Gusmão (1997). Inicia-se com a exposição de conceitos que cercam o termo "currículo" para então, realizar um debate sobre a relação do mesmo com a cultura e fazer breves apontamentos sobre a preocupação antropológica no campo da educação, para realizar, então, o apontamentos sobre os estudos antropológicos desenvolvidos no âmbito escolar. Concluindo que, os estudos antropológicos contribuem para um movimento de reivindicação ao respeito e igualdade, para o preparo de professores para uma ação pedagógica que abarque conhecimentos culturais e sociais na sala de aula, para a maior compreensão da diversidade cultural no ambiente escolar.

Palavras chave: antropologia; educação; currículo; cultura.

1. INTRODUÇÃO

Faz-se necessário iniciarmos com algumas definições que norteiam o termo currículo, fazendo uso das ideias de alguns autores que debatem este tema. Com o objetivo de, deixar claro a forma com que o mesmo se insere e é aplicado na escola, sala de aula, no ensino e formação dos alunos.

¹ Graduando do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Universidade Federal do Pará – UFPA, thiagoviseu@gmail.com.

² Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Universidade Federal do Pará – UFPA, mandys13academico@gmail.com.

³ Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Pará - UFPA, bmarinho2015@gmail.com.

⁴ Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Pará - UFPA, joaquinaianca@gmail.com.

De acordo com Moreira e Candau (2007), entende-se por currículo os conteúdos a serem ensinados e aprendidos, as experiências vividas na escola, os planos pedagógicos, os objetivos a serem alcançados, assim como os processos de avaliação e de escolarização. Compreende-se, portanto, que o currículo é composto por diversos fatores sociais, econômicos e políticos que fazem parte do cotidiano dos educandos, os conhecimentos a serem repassados são classificados e hierarquizados, deste modo, o categorizam como um espaço de poder e de conquista (MOREIRA e CANDAU, 2007).

Silva (1999, p.15) aponta que “no fundo das teorias do currículo está, pois, uma questão de 'identidade' ou de 'subjetividade'”, que faz do currículo um campo de disputa por poder. Uma visão que reconhece o currículo como “[...] o território mais cercado, normatizado. Mas também o mais politizado, inovado, ressignificado [...]” (ARROYO, 2013, p. 1- 10). Saviani (2016, p. 55), ressalta que “o currículo é entendido comumente com a relação das disciplinas que compõem um curso ou a relação dos assuntos que constituem uma disciplina [...], mas é preciso ir além dessa concepção, e reconhecer no currículo nada uma relação de poder, pois o mesmo é caracterizado, dominado e objetivado dentro das relações existentes em sociedade, social, política e ideológica.

Assim sendo, alguns grupos desenvolvem domínio sobre os outros através do currículo e, com isso, acaba por exercer a exclusão e segregação de grupos que carregam valores, ideais e culturas diferentes da de quem seleciona os conhecimentos que abarcam este instrumento de aplicação do ensino. Apple (1995, p. 59) pontua que, " o currículo nunca é uma simples coleção neutra de saberes [...] Forma parte sempre de uma tradição seletiva, seleção de parte de alguém, da visão que um grupo tem do saber legítimo. Se reproduz a partir de conflitos e tensões".

Assim Arroyo (2013) destaca que:

De fato é uma pergunta desafiante: porque entre tantos conhecimentos sistematizados nos currículos a serem ensinados, aprendidos e avaliados não entra o acúmulo de saberes sobre a docência como função social, como trabalho. Nem entram as vivências sociais e políticas, culturais e socializadoras, humanas e tão desumanas dos próprios educadores e educandos. Talvez porque

as áreas e disciplinas do conhecimento que os currículos consagram vêm essas vivências e essas funções sociais e seus personagens como insignificantes, até decadentes. (ARROYO, 2013, p. 124).

É nesta linha de pensamento que o currículo se cruza com a cultura, que os estudos antropológicos adentram os muros da escola. Foi com este debate teórico que inculcamos a seguintes perguntas: De que forma a cultura se relaciona com o currículo? Como os estudos antropológicos auxiliam nessa relação? educação de crianças e adolescentes. Neste artigo, buscamos concepções sobre a importância da diversidade cultural a ser trabalhada dentro do currículo escolar, reconhecendo a escola uma instituição de valorização da diversidade e não somente de reprodução das vivências fora dela.

Deste modo, levantamos os seguintes questionamentos: De que forma o currículo pode influenciar na vida extraescolar de cada aluno? Como a antropologia explicaria os sujeitos a partir de seus contextos culturais dentro do ambiente escolar?.

Concluindo que, é necessário que essa forma de ensino seja abrangente em toda escola, que ela possa contribuir para um movimento de respeito e igualdade, tendo professores preparados e que possam agir de maneira coletiva, com uma coordenação incentivadora e presente, com disponibilização de espaços para as dinâmicas dentro e fora dos espaços escolares, que abarque conhecimentos culturais e sociais das crianças no currículo.

2. METODOLOGIA

Para essas questões serem respondidas, partimos de uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa que foi dividida em duas etapas: A primeira atividade desenvolvida na construção do levantamento bibliográfico. foi definir, delimitar o objeto da pesquisa. O primeiro passo foi compreender os conceitos do currículo; em seguida, identificamos os autores que fazem esse debate no campo do currículo e educação.

Segundo Severino (2007), a “[...] pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir de registros disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos

impressos, como livros, artigos, teses etc. [...]” (SEVERINO, 2007. p. 122). Para acessar esses registros, utilizamos plataformas virtuais de revistas e acervos científicos, e construímos nosso levantamento bibliográfico inicial, tendo como pressuposto, a filtragem dos artigos e livros pesquisados, selecionando os mais adequados para o tema, utilizando como critério, a abrangência do texto no tema supracitado. Como resultado, originou-se os textos bases para a elaboração deste artigo: Moreira e Candau (2007), Silva (2011), Saviani (2006), Arroyo (2013), Oliveira (2017), Gusmão (1997).

Culminando na estrutura aqui presente. Iniciando com a relação entre currículo, cultura e antropologia, seguindo falando da importância dos estudos antropológicos para a educação escolar, e por fim, algumas considerações das análises e resultados.

3.1 A RELAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO E ANTROPOLOGIA: UMA BREVE EXPLANAÇÃO DE SUA GÊNESE.

Foi ainda no período da Escola Nova que surgiu uma nova proposta de formação de professores que pudessem acompanhar uma nova sociedade em surgimento, logo então “ [...] disciplinas como Sociologia, Psicologia e Antropologia foram introduzidas nos cursos formação de professores nesse período” (OLIVEIRA, 2017, p 236). De certo que havia uma estranheza ao se falar da antropologia ligada à educação quando a primeira refere-se à ciência e, a segunda em uma prática social que perpassa conhecimentos de uma geração a outra. Somente em 1970 pode-se instrumentalizar a antropologia para estudar os eixos da educação sendo um deles a sua diversidade étnica e cultural, e referência para as pesquisas educacionais de tipo etnográfico e pesquisas no campo das ciências humanas, ditas pós-modernas (GUSMÃO, 1997).

Surgindo a antropologia na formação de profissionais da educação, a qual tem como objetivo compreender e atuar em campos como: relações interétnicas, gênero e sexualidade, educação indígena, educação quilombola, e ainda na diversidade cultural (OLIVEIRA, 2017). Inicia-se então, uma maior aproximação entre currículo e cultura, cultura e educação escolar viram objeto de estudo, e resulta em uma visão mais ampla da educação da escola.

De acordo com Silva (1999,p.17), “ Embora a cultura possa ser muitas outras coisas [...] ela é, também, fundamentalmente, prática de significação”. Para tanto, não se pode idealizar a cultura e currículo como campo de significação sem antes levar em conta seu potencial de produção, inovação. Logo, vê-se com isso, que a cultura é também um espaço de exploração das coisas existentes em um contexto histórico cultural de determinados grupos sociais.

Por outro lado, Arroyo (2014) frisa que:

Ver a cultura, o universo simbólico, os valores, o conhecimento como meros produtos do trabalho a serem sistematizados nos currículos e aprendidos na escola é reducionismo que perde as virtualidades formadoras do próprio trabalho humano. (ARROYO, 2014.p. 102-10).

Para tanto, quando se pensa em prática pedagógica dentro do ambiente escolar, levar em consideração esses valores culturais inerente ao sujeito é primordial, pois, com isso estará formando a pessoa para sua emancipação, essa sendo: Política, social e de trabalho.

Oliveira faz uma abordagem em sua obra sobre as temáticas de antropólogos em seus trabalhos, e chega a conclusão de que, muito se é pesquisado sobre o meio educacional, suas metodologias e os problemas que existem em seu contexto, assim sendo relatada características como a educação de indígenas, a qual segundo Gusmão (2003):

A alteridade revela-se no fato de que o que eu sou e o outro é não se faz de modo linear e único, porém constitui um jogo de imagens múltiplo e diverso. Saber o que eu sou e o que o outro é depende de quem eu sou, do que acredito que sou, com quem vivo e porquê. Depende também das considerações que o outro tem sobre isso, a respeito de si mesmo, pois é nesse processo que cada um se faz pessoa e sujeito, membro de um grupo, de uma cultura e de uma sociedade. Depende também do lugar a partir do qual nós nos olhamos. Trata-se de processos decorrentes de processos culturais que nos formam e informam, deles resultando nossa compreensão do mundo e nossas práticas frente ao igual e ao diferente (p. 87).

Percebemos que o processo de junção destes está em uma intrínseca relação em conhecer o próximo mediante um olhar antropológico e educacional dando vez aos sujeitos que só podem se reconhecer como tal a partir do outro em suas linhas de

relações interpessoais, sejam elas na sociedade, na escola ou família. Nesse sentido, antropologia e educação são herdeiras e próximas de uma mesma matriz disciplinar, sendo ela a humanista-literária que fala sobre o desenvolvimento do homem na expectativa integral e formativa (TOSTA, 2011).

De acordo com Tosta (2011):

[...] é inegável que diferenças e desigualdades fazem parte do cotidiano escolar e tais questões muito importam pelos significados que contêm e que dizem respeito empiricamente à problemática das culturas presentes na escola, mesmo que, como tais, não sejam consideradas. E remetem, em termos epistemológicos, à questão fundante da Antropologia - a relação com o outro. (p. 237).

Essa relação se intensifica quando, segundo Silva (2017), em meados do século XX os movimentos pós-estruturalista e pós-modernista se ampliam, e se "[...] questiona os princípios e pressupostos do pensamento social e político estabelecidos e desenvolvidos a partir do iluminismo" (p. 111), o qual vê o sujeito como ser formado e não formador "[...] ele não pensa, fala e produz: ele é pensado, falado e produzido" (SILVA, 2017, p. 113).

Essa visão pós-estruturalista preocupa-se em "[...] teorizar sobre a linguagem e o processo de significação" (SILVA, 2017, p.131), gerando incertezas e questionamentos sobre a ideia de sujeito moldando no currículo contemporâneo, sobre os conhecimentos que são selecionados, pergunta o "por quê?" disse conhecimento e não outro. É esta visão de currículo que reconhece a cultura entranhada nos corredores da escola e nas salas de aula, no currículo escolar, e com ela se intensificam as pesquisas antropológicas na escola.

3.2 A ESCOLA COMO CAMPO DE ESTUDO: A CULTURA DENTRO DO CURRÍCULO ESCOLAR

Os antropólogos estão interessados em estudar a educação escolar, porque é um dos lugares institucionais que hoje formam os atores com quem sempre se interage, do

isolamento à integração, ou porque na mesma se produz e reproduz representações da educação cultural desses sujeitos entre várias categorias e objetos com os quais estabelecem uma troca material e simbólica (LOPES, 2009, p. 175).

Na escola o sujeito pode formar seus valores a partir da convivência com o outro, da convergência, ou divergências dos vários olhares e opiniões sobre determinado assunto, assim sendo capaz de mudar seu ponto de vista ou até mesmo de fortalecê-lo, sendo também parte deste a sociedade em que se encontra inserido, a qual está carregada de valores coletivos e individuais que são próprios de determinada comunidade, grupo ou etnia. Dessa forma entendemos pelo pensamento de Duarte, Werneck e Cardoso (2013) que:

A socialização, nas suas diferentes áreas ou espaços de ocorrência pode, segundo a forma como foi conduzida ou vivenciada, direcionar comportamentos e condutas das pessoas. Esta hipótese tomou como base o conceito de cultura subjetiva que constitui o modo como uma pessoa interpreta a realidade, incluindo suas crenças, valores, características de personalidade. (p. 209).

Compreendemos que é no aprendizado dentro da sala de aula e da convivência com outras realidades, como as diferentes formas de manifestações culturais que o aluno entra em contato na escola, pode ser um fator riquíssimo quando trabalhado de maneira adequada, sempre direcionado a observação e valorização das diferenças, , sejam elas de linguagem e comunicação, maneiras de vestir, na cor da pele, formato dos olhos, cor do cabelo, das religiões, etc. Assim, Macedo (2010) ressalta que:

A cultura passou, assim, a ser definida como produção do presente pela hibridização de fragmentos de sentidos partilhados. Ainda que continuemos a nomear supostos repertórios de significados partilhados como cultura – por exemplo, branca, negra, feminina, masculina, heterossexual, homossexual –, advogamos a necessidade de fazê-los conscientes de sua impossibilidade e simplificações que as tornaram possíveis. Assim, defendemos que uma escola preocupada com a diferença deve construir diuturnamente os mecanismos sociais que permitem estas simplificações, liberando os fluxos que se espremam em qualquer classificação (p. 37)

Contundente a isso, se pode trabalhar no currículo o respeito pela diversidade cultural, podendo ser apresentado como característica de um mundo heterogêneo. No

contexto brasileiro, ao se conhecer outras culturas e costumes, pode-se aprender a valorização regional, assim como outras regiões, e deste modo contribuir de maneira significativa para o conhecimento e o aprendizado que a cultura brasileira oferece, advindo do misto dos mais diversos costumes e etnias. Assim, desenvolver de forma simples e clara essas manifestações culturais, por meio de apresentações, músicas, lendas entre outras formas que podem também ser trabalhadas dentro do contexto escolar trazendo uma bagagem de significados mediante a curiosidade sobre o outro.

De acordo com Durkheim (1972):

Educação é uma ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social e tem por objetivo suscitar e desenvolver na criança certo número de estados físicos, intelectuais e morais reclamados pela sociedade política, no seu conjunto e pelo meio especial a que a criança particularmente se destina (p. 41).

Verificamos assim, que todas os ensinamentos lançados a uma criança tem intencionalidade de que esta quando crescer exerça seu papel enquanto sujeito social e de direito garantindo a continuidade dos elementos historicamente construídos pelas sociedades passadas. Além disso, traçar o eixos educacionais que se quer trabalhar em uma escola pode ocasionar também em uma mudança significativa ao se tratar dos elementos construídos ao passar dos anos, no qual nas sociedades atuais podem ser mudadas a partir da dinâmica social, implicando as formas como serão repassados os ensinamentos escolares estes podem ser maléficose quando carregam preconceitos em suas histórias.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do ponto de vista antropológico e educacional, a própria antropologia visa buscar respostas adequadas para responder às questões relacionadas ao ambiente escolar de acordo com a ocorrência da realidade de cada aluno em seu diferente contexto sócio-cultural. Já que ao identificar que a realidade vivida está pouco preocupada com a formação cultural, participação social ou exercício da cidadania em sua totalidade. Deste

modo ressalta-se o papel que o discente ocupa dentro dos processos formativos da educação, para então trabalha-se os contextos diferenciados.

Estando o currículo intrínseco a cultura percebemos a importância da formação profissional na educação voltada para um olhar antropológico, possibilitando mediante o olhar científico usar de métodos que contribuem para a identificação dos grupos e indivíduos existentes dentro do contexto escolar.

REFERÊNCIAS

APLLE, M.W. **Trabalhos docente e textos: economia política das relações de classe e de gênero em educação.** Trad. Thomaz Tadeu da Silva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

ARROYO, M. G. **Currículo, território em disputa.** 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

ARROYO, M. G. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias.** 2. ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2014.

BÚRIGO & FELIPE BOIN, Amurabi Oliveira, Beatriz Demboski. A Antropologia, os Antropólogos e a Educação no Brasil. **Revista Antropológicas**, [S.l.], v. 27, n. 1, mar. 2017. ISSN 2525-5223. Disponível em:

<<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaantropologicas/article/view/24035/19497>>.

Acesso em: 25 set. 2019.

DUARTE, C. Z. C. G.; WERNECK, V. R. & CARDOSO, J. A. R. A relação entre cultura e educação sob o ponto de vista de educadores do ensino fundamental. **Psicologia e saber social.** Vol. 2, Ed. 2. 2013. p. 204-2016.

DURKHEIM, E. (1972). **Educação e Sociologia.** São Paulo: Melhoramentos.

GUSMÃO, N. M. M. Antropologia e educação: origens de um diálogo. **Cadernos CEDES.** Campinas, v. 18, n. 43, p. 8-25, dez. 1997.

_____. “Os desafios da diversidade na escola”. In: _____ (Org.). **Diversidade, cultura e educação: olhares cruzados.** São Paulo: Biruta, 2003.

LOPES, J. R. Antropologia, educação e condicionamentos culturais: pensando as mediações no processo de socialização escolar. **Educar**, n. 33, p. 171-188, 2009. Editora UFPR.

LIMA, J. C. DA R. Antropologia e Educação: Um Diálogo Possível?. **Revista Inter-Legere**, v. 1, n. 9, 23 out. 2013.

MACEDO, E. “A cultura e a escola”. In: MISKOLCI, Richard (org.) **Marcas da Diferença no Ensino Escolar**. São Carlos: EdUFSCar, 2010.

MOREIRA, A. F. B. **Indagações sobre currículo: currículo, conhecimento e cultura**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de educação básica, 2007.

OLIVEIRA, M. Uma antropologia fora do lugar? um olhar sobre os antropólogos na educação. **Horizontes Antropológicos**, ano 23, n. 49, p. 233-253, set./dez. 2017.

SAVIANI, D. Educação escolar, currículo e sociedade: o problema da base nacional comum curricular. **Movimento**, 2016; 3(4), p. 54-84.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 2. ed. rev. atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, T. T. **O currículo como prática de significação**. In: SILVA, T. T. O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, cap. 1, p. 17-85.

_____. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2. Ed. Belo Horizonte. Autêntica, 2011.

TOSTA, S. P. Antropologia e educação: culturas e identidades na escola Magis. **Revista Internacional de Investigación en Educación**, vol. 3, núm. 6, enero-junio, 2011, pp. 413- 431 Pontificia Universidad Javeriana Bogotá, Colombia. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=281021734010>. Acesso em: 25 Set. 2019.

TOSTA, S. P. Antropologia e educação: Interfaces em construção e as culturas na escola. **Revista Inter-Legere**. 2011. p. 234-252. Disponível em: <http://www.periodicos.ufrn.br>. Acessado em: 25. Set. 2019.